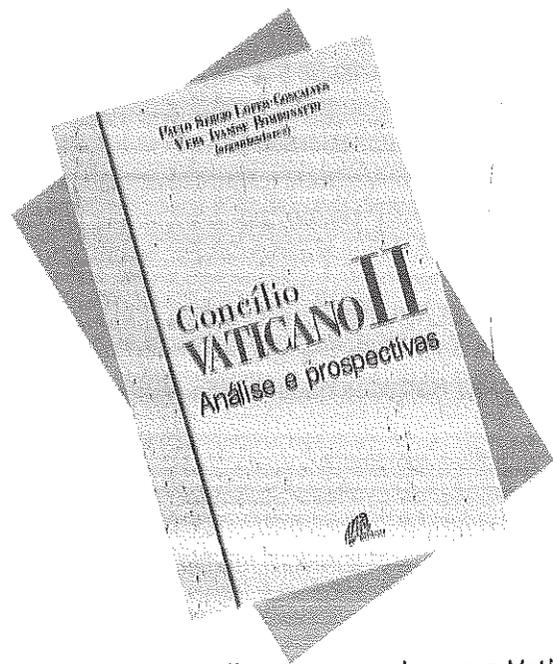


CONCÍLIO VATICANO II: ANÁLISE E PROSPECTIVAS



O Concílio Vaticano II, realizado no período de 1962-1965, constitui, sem dúvida, um marco referencial na história da Igreja católica e na sua relação com a sociedade. Convocou a Igreja a abrir-se aos novos tempos mediante um novo Pentecostes, criou novos paradigmas teológicos e pastorais em substituição aos anteriores pré-modernos e tridentinos.

Quarenta anos depois, a Paulinas Editora convidou pessoas que tes-

temunharam o Vaticano II e acompanharam, de forma ativa e responsável, a caminhada da Igreja no Brasil, para refletir sobre o significado deste grande evento e sua incidência na realidade socioeclesial brasileira.

O resultado desta reflexão é agora oferecido ao público condensado nesta obra, que, sem dúvida, é um referencial obrigatório para todos os que desejam conhecer a vida e a missão da Igreja.



A COMUNICAÇÃO A SERVIÇO DA VIDA

Telemarketing

0800 - 7010081

www.paulinas.org.br

A LINGUAGEM DOS GESTOS E DO SILÊNCIO NA LITURGIA

Prof. Dr. Pe. José Raimundo de Melo, S.J.

INTRODUÇÃO

A Constituição Litúrgica do Concílio Vaticano II, *Sacrosanctum Concilium*, tentando oferecer uma definição teologicamente significativa de liturgia, começa por impostar um discurso que tem como base a própria história da salvação. Assim, a revelação é vista aí como a sucessão de diferentes acontecimentos que se tornam realidade em três momentos: a) *primeiro momento*: o tempo profético de preparação, que inclui tanto a história do povo eleito, como a existência de todos os povos: "Deus, que quer salvar e fazer chegar ao conhecimento da verdade todos os homens, havendo outrora falado muitas vezes e de muitos modos aos pais..." (SC 5); b) *segundo momento*: quando o anúncio (palavra) se faz realidade (carne) na pessoa do Filho de Deus: "quando vela a plenitude dos tempos, enviou seu Filho, Verbo feito carne, unguído pelo Espírito Santo..." (SC 5); c) *terceiro e último momento*: o tempo de atuação do Espírito do Senhor, podendo ser também chamado de tempo da Igreja, que prolonga a salvação a fim de que esta atinja todos os povos (SC 6). E como tal realidade se faz predominantemente atuante na liturgia da Igreja, este tempo ainda pode, de modo justo, ser denominado de tempo da liturgia. A liturgia é, pois, realização-atualização da história da salvação, "exercício do múnus sacerdotal de Jesus Cristo, no qual, mediante sinais sensíveis, é significada e, de modo peculiar a cada sinal, realizada a santificação do homem" (SC 7).

Enfoca-se aqui a realidade própria da liturgia, em seu importantíssimo aspecto simbólico-ritual, pois ela, utilizando-se de símbolos e ritos e exprimindo

do-se através deles, torna presente e atuante no mundo a salvação de Deus em Cristo.

Jesus, pela encarnação, tornou-se Deus também na sua humanidade. Nele, a humanidade e a natureza são assumidas e a salvação atinge o humano através da própria corporeidade. A propósito, já havia assegurado Tertuliano que: "o corpo é o eixo e a base da salvação", pois "quando a alma se une a Deus, é o corpo que torna possível a união"¹. Os gestos e sinais sensíveis, assim, têm um papel fundamental na realização da redenção que se processa na Igreja e na sua liturgia a favor dos que crêem. E tal coisa aproxima de forma intensa, melhor ainda, de forma definitiva, liturgia e antropologia, ação ritual e sujeito celebrante.

Na ação litúrgica os sinais falam, os gestos comunicam e o silêncio não é mera suspensão de atividades, mas momento fecundo de manifestação do Espírito do Senhor em meio a sua Igreja. A linguagem litúrgica revela-se, assim, fundamentalmente pneumatológica². Daí a necessidade de uma clara tomada de consciência de nossa parte sobre o sentido e a importância da linguagem dos gestos, dos símbolos e do silêncio na liturgia. É o que faremos a seguir, nos apoiando seja na realidade de uma Igreja renovada que busca compreender de forma ativa, consciente e plena o que celebra, seja nos firmando em alguns documentos do magistério emanados no pós-concílio³, que desejam traçar caminhos novos, conseqüentes com nossos novos tempos.

¹ TERTULIANO, *De resurrectione carnis* 6: PL 2, 806.

² Cf. A. TRIACCA, "Espírito Santo", in: *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas/Paulistas, 1992, 364.

³ Eis o elenco dos Documentos do Magistério citados no trabalho (a citação completa de cada documento usado, porém, pode ser encontrada nas notas inseridas ao longo do artigo):

= "Cerimonial dos Bispos" (*Cerimonial da Igreja*). São Paulo: Salesiana Dom Bosco/Paulina, 1988.

= "Diretório para celebrações dominicais na ausência do presbítero", Cong. do Culto Divino, 2 de junho de 1988.

= "Diretório para missas com crianças", Sagrada Congregação do Culto Divino, de 1 de novembro de 1973.

= "Dominicae cenae", Carta de João Paulo II, 24 de fevereiro de 1980.

= "Eucharisticum mysterium", Instrução da Sagrada Congregação dos Ritos, de 25 de maio de 1967.

= "Eucharistiae participationem", Carta circular da S. Cong. Culto Divino aos Pres. Conf. Episcop., 27 abril 1973.

= "Immensae caritatis", Instrução da Sagrada Congregação para a Disciplina dos Sacramentos (maiores facilidades de receber a santa comunhão) 29 de janeiro de 1973.

I. GESTOS CORPORAIS E AÇÕES SIMBÓLICAS

1. O uso da linguagem gestual na liturgia

Tudo leva a crer que a partir da reforma litúrgica promovida pelo Concílio Vaticano II, passamos de uma liturgia excessivamente simbólica a uma de prevalência verbal. Ao menos é essa a sensação que temos hoje quando participamos de um grande número de celebrações litúrgicas, em especial, de celebrações eucarísticas, e as comparamos com as realizadas pela Igreja uns 40 ou 50 anos atrás.

Assim, a grande quantidade de gestos usados nas ações litúrgicas antes do último Concílio, quase se pode dizer que servia para exprimir o que a palavra latina ocultava à grande maioria dos fiéis presentes na celebração. O complexo gestual da missa tridentina, dita de São Pio V, unido à nobreza da língua latina expressa nas palavras e nos cantos, era capaz de criar uma atmosfera sacral, em que se solicitava dos fiéis, sobretudo o seu sentido visual e auditivo, embora a sua participação gestual aí fosse mínima⁴. Após a renova-

= "Inaestimabile donum", Instrução da Sagrada Cong. dos Sacramentos e o Culto Divino, de 3 de abril de 1980.

= "Instrução Geral sobre o Missal Romano", terceira edição, in: *As Introduções Gerais dos livros litúrgicos*. São Paulo: Paulus 2003.

= "Liturgicae instaurationes", Instrução da Sagrada Congregação do Culto Divino, de 5 de setembro de 1970.

= "Musicam sacram", Instrução da Sagrada Congregação dos Ritos, de 5 de março de 1967.

= "Missale romanum", Constituição Apostólica de Paulo VI, 3 de abril de 1969.

= "Oratio Universalis" (*De oratione communi seu fidelium*), Fascículo do "Consilium", de 17 de abril de 1966.

= "Ordo lectionum Missae", "Praenotanda", (*Elenco das Leituras da Missa, Introdução*) segunda edição, 1981.

= "Paschalis sollemnitatis", Carta circular da Congregação do Culto Divino, de 16 de janeiro de 1988.

= "Vicesimus quintus annus", Carta Apostólica de João Paulo II, 4 de dezembro de 1988.

⁴ "Le geste liturgique proprement dit étant réservé au célébrant et aux acolytes, il s'ensuit que les fidèles ont toujours participé à la Liturgie moins par le geste que par l'attitude. L'usage ancien voulait qu'ils se tinssent debout, comme le célébrant, s'inclinant, se mettant à genoux et se prosternant à certaines occasions, selon les indications du diacre. Malheureusement la disparition du diacre en Occident et plus tard l'introduction des bancs a fait complètement reléguer dans l'oubli la participation active des fidèles par la prière corporelle" (LUBIENSKA DE LENVAL H., *La liturgie du geste* = Bible et vie chrétienne. Tournai, 1956, 71-72).

ção litúrgica, com a utilização da língua vernácula e a redução dos ritos⁶, encontramos-nos diante de uma liturgia em que a palavra ocupa o primeiro lugar, com toda uma tendência por parte de muitos a usar menos ou a simplificar os gestos corporais e os símbolos. Parece até que a palavra já exprime tudo, não sendo necessário apelar à linguagem dos ritos e dos símbolos na liturgia.

As nossas celebrações litúrgicas, após um longo tempo de intensa sacralização, foram assim abaladas nos seus fundamentos pelo movimento de dessacralização e secularização que caracterizou a sociedade ocidental contemporânea⁶. Todavia, a experiência do sagrado continua sempre uma dimensão necessária e mesmo indispensável ao homem de hoje e de outrora. Basta ver que especialmente nos últimos tempos a experiência do sagrado tende a polarizar a vida humana. Daí a terceira instrução para a execução da Constituição sobre a liturgia, *Liturgicae Instaurationes*⁷, chamar a atenção para este aspecto:

"A reforma litúrgica, de fato, não é sinónimo de dessacralização, nem quer ser motivo para aquele fenómeno que chamamos de secularização do mundo. É necessário, pois, conservar aos ritos dignidade, seriedade, sacralidade" [n. 1].

Conservar nos ritos esta dignidade, seriedade e sacralidade de que nos fala o texto, significa em definitivo alcançar um equilíbrio que neste campo se faz extremamente necessário. Isso nos ajudaria a sermos verdadeiramente fiéis ao espírito da liturgia e eficazes na pastoral, correspondendo às reais necessidades do homem atual. Na celebração tudo fala, tudo comunica, tudo sim-

⁶ É verdade que a última reforma litúrgica fez uma clara opção por uma liturgia simples, breve e sóbria, porque, de um lado, desejava promover a participação ativa e inteligente do povo nas celebrações, tarefa complicada caso a liturgia fosse excessivamente dilatada e, de outro, porque uma liturgia com características simples possibilitava mais facilmente a realização de inculturações no seu seio.

⁷ Cf. L.-M. CHAUVET, *Du symbolique au symbole. Essai sur les sacrements*. Paris, 1979, 257.
⁸ *Liturgicae Instaurationes*: Instrução da Sacra Congregação do Culto Divino, de 6 de setembro de 1970 (3ª Instrução para a aplicação da Constituição *Sacrosanctum Concilium*): AAS 62 (1970) 692-704.

boliza⁸. O ato cultural é de tal maneira envolvente, que exige a aplicação de todos os sentidos corporais, o que de resto acontece em qualquer celebração⁹.

2. Presença de vários códigos lingüísticos na ação litúrgica

Na missa, além do código verbal, empregamos um grande número de outros códigos não verbais extremamente importantes¹⁰. Interagem aí a visão,

⁹ "Não só a transmissão da graça, mas também o voltar-se o homem a Deus ocorre no culto de maneira corporal. Não há nenhuma ação no culto litúrgico em que não colabore ativamente o corpo. E isto vale tanto para os atos mais simples como para as funções mais solenes. Sempre atua o homem por meio do corpo. Fala e escuta, ouve e canta, está de pé e se ajoelha. Nas distintas formas de tais atividades do corpo, não se trata só de funções com um fim determinado. Mais importantes são os valores cheios de sentido, que por elas se expressam. Seu conhecimento é uma das condições prévias para se agir corretamente e na forma devida" (T. FILTHAUT, *La formación litúrgica*. Barcelona, 1964, 126).

¹⁰ C. Vagaggini chama a atenção para a fundamental importância do gesto, da posição do corpo e dos movimentos na liturgia, como expressão de toda uma realidade interior, quando afirma: "A importância dos sinais, gestos, comportamentos, movimentos, seja do indivíduo que dos grupos ou de toda a comunidade cristã, provém do fato que, com eles, os pensamentos e sentimentos internos do culto exprimem-se também em todo o corpo; o que, por sua vez, influi nos pensamentos e nos sentimentos internos, tendendo assim a criar a sintonia completa da inteira pessoa à realidade litúrgica. Assim, por exemplo, nas inclinações, nas genuflexões, nas prostrações, no manter as mãos estendidas ou juntas, no fazer o sinal da cruz, seja sobre o peito, seja em forma de bênção, no bater-se no peito, no estar em pé, no gesto da imposição das mãos em muitos sacramentos, nos sopros, finalmente nos movimentos ordenados de conjunto seja do ministro seja também de toda a assembleia, como nas procissões". E, no final, como que intuindo uma tendência no sentido de reduzir os gestos litúrgicos, conclui: "Um rito, especialmente sacramental, no qual o gesto é ausente ou excessivamente reduzido é anormal e psicologicamente mal constituído" (C. VAGAGGINI, *Il senso teologico della Liturgia. Saggio di liturgia teologica generale* = *Theologia* 17, 4ª ed., Roma: edizioni paoline, 1965, 63).

¹¹ Sobre o tema da linguagem litúrgica não verbal, veja: G. BONACCORSO, "Il linguaggio non verbale nella liturgia", in *Rivista Liturgica* 70 (1991) 9-22. Neste mesmo artigo, páginas 15-17 o autor apresenta dois completos elencos de códigos não verbais muito importantes, fornecidos por J. SCHERMANN, *Die Sprache in Gottesdienst* (Innsbruck-Wien 1987) 79-94 (cf. G. BONACCORSO, "Il linguaggio non verbale..." 16, nota 16). Classificação igualmente completa e em parte semelhante nos é apresentada por A. N. TERRIN, *Liturgia. Dimensioni fenomenologica e aspetti semiotici*. Brescia, 1988, 135-143. Para uma aproximação ao problema global da estruturação lingüística, tão importante para a compreensão do aspecto expressivo da linguagem litúrgica, veja o conhecido e clássico "Curso de lingüística geral" de F. de Saussure.

o olfato, o tato, o paladar, a audição. O código visual ou ótico e o auditivo, como o verbal, são muito usados na liturgia. Através deles observamos o desenvolver da celebração e os vários objetos que integram o espaço celebrativo e acolhemos as mensagens verbais e musicais que nos são dirigidas. Segue-se o paladar, empregado para o comer e beber na comunhão.

O oferecimento do incenso perfumado, da cera que arde nos círios e das flores são sinais relacionados ao olfato na liturgia cristã. Todavia, o gesto assim tão significativo da oferta do incenso está, infelizmente, tornando-se cada vez mais marginal no rito romano. Não o é, porém, nos ritos orientais e em muitas expressões rituais de várias religiões¹¹. O tato, porém, o utilizamos nos toques, nos abraços e beijos da paz, no sinal da cruz etc. São ainda importantes o código musical, que inclui os códigos acústico e o vocal, mas não verbal, e o código cinésico, integrado pelos gestos, movimentos do corpo e os elementos mímicos que povoam a liturgia¹².

Urge organizar de tal forma as celebrações, a ponto de fazer transbordar toda a sua riqueza simbólica. Por isso devemos utilizar bem e criativamente as potencialidades verbais que a liturgia atual oferece, mas sem dispensar a abundante e diversificada linguagem dos símbolos e dos gestos litúrgicos, a serem usados com arte e criatividade, pois constituem grande valor colocado à nossa disposição¹³. Afinal, o corpo, dócil e sensível ao movimento, é fonte inesgotável de expressão comunicativa¹⁴.

3. A DIGNIDADE DO GESTO LITÚRGICO

Nossa finalidade aqui não é tanto tecer um elenco dos gestos litúrgicos que deveriam ser realizados pelos fiéis ou pelo sacerdote durante o culto da

¹¹ A.N.TERRIN, *Leiturgia* 140.

¹² Cf. G.BONACCORSO, "Il linguaggio non verbale..." 16-17.

¹³ Damos aqui por compreendido as duas categorias nas quais se costuma classificar os gestos litúrgicos: a) gestos expressivos que acompanham e explicitam palavras (elevar braços no "Pai nosso", imposição das mãos sobre as oferendas etc.); b) gestos simbólicos que falam por si mesmos, explicitando uma realidade de outra ordem (gesto da paz, olhos em direção ao céu etc.) (cf. J.B.MOLIN, "Atitudes e gestos da assembleia em oração", in AA.VV., *Em vossas assembleias. 1 - Teologia pastoral da missa*, ed. J.GELINEAU, São Paulo: Paulinas, 254).

¹⁴ Cf. *Animação da vida litúrgica no Brasil. Elementos de pastoral litúrgica* = Documentos da CNBB, n° 43. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 32, n. 83.

assembleia, para em seguida organizar como que um catálogo dos mesmos. Como seria natural em muitos documentos após o Concílio, particularmente na *Introdução Geral sobre o Missal Romano*¹⁵, recomenda-se com insistência os gestos que a assembleia deve sempre realizar para exprimir toda a celebração também através da linguagem não verbal. O que nos interessa em primeiro lugar é: sabendo ser a linguagem do corpo um elemento tão importante para a liturgia cristã, diríamos mesmo fundamental, com que motivação, com que expressão e com que espírito devem estes gestos ser vividos para correspondermos melhor ao ser mesmo da liturgia? Em outras palavras: como organizar a celebração de sorte a pô-la de acordo com o que indica o atual n° 44 da IGMR, *quando pede que as ações litúrgicas sejam realizadas "com dignidade" ("Convém que tais ações e procissões sejam realizadas com dignidade, enquanto se executam cantos apropriados, segundo as normas estabelecidas para cada uma")?*

Partindo mais uma vez da IGMR, podemos empreender uma análise das principais referências que são feitas à questão da motivação que deve acompanhar os gestos usados na assembleia eucarística. Neste sentido, o n° 42 deste texto, vai dizer que o gesto corporal a ser observado pelos participantes *"...é sinal da unidade dos membros da comunidade cristã, reunidos para a sagrada Liturgia, pois exprime e estimula os pensamentos e os sentimentos dos participantes (cf. SC 30)". A expressão gestual então manifesta os sentimentos e pensamentos comuns que brotam da assembleia, sentimentos estes que se fazem unânimes por meio da mesma postura corporal dos participantes.*

4. A educação gestual dos que presidem celebrações

Que os gestos corporais, sobretudo aqueles faciais, falam tanto ou mais que as palavras, é convicção largamente aceita atualmente pelos estudiosos da

¹⁵ *Instrução Geral sobre o Missal Romano*, da Congregação do Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, 3ª ed. de 2002 (com a 3ª ed. típica do Missal Romano): In: *As Introduções Gerais dos livros litúrgicos*. São Paulo: Paulus 2003, nn. 99-205; a seguir citada pelas iniciais IGMR. Para o que se refere à questão dos gestos na IGMR, uma síntese entremeada de boas referências à tradição da Igreja nos é oferecida em: C.CIBIEN, "Gestos", in *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: ed. Paulinas/ed. Paulistas, 1992, 506-508.

comunicação¹⁶. É isso não se faz menos evidente na celebração, exigindo dos presidentes de assembleia e de todos aqueles que se põem à frente e a serviço dela, cuidado especial para que o gesto exprima a natureza e o espírito da celebração. Por isso, especialmente os sacerdotes são exortados a ter especial cuidado quando executam suas funções na ação litúrgica:

"Portanto, quando celebra a Eucaristia, ele deve servir a Deus e ao povo com dignidade e humildade, e, pelo seu modo de agir e proferir as palavras divinas, sugerir aos fiéis uma presença viva do Cristo" [IGMR n. 93].

Esta realidade é de tal forma importante para o bom êxito da celebração que a Igreja, antes de conferir a ordenação a um candidato às ordens sacras, deveria cuidadosamente se certificar se ele possui ou não as qualidades humanas necessárias para "presidir" (com toda a carga litúrgica que esta palavra encerra) a assembleia cultual dos fiéis. É refletindo sobre a necessidade de bem presidir a assembleia dos fiéis que a *Eucharisticum Mysterium*¹⁷ n. 20, *Inaestimabile donum*¹⁸ n. 27, *Paschalis sollemnitatis*¹⁹ n. 43 e tantos outros textos, insistem na formação litúrgica, teórica e prática, não só dos seminaristas, mas também dos sacerdotes. Sobre isso mesmo já havia tratado a Constituição *Sacrosanctum Concilium* em vários de seus números (cf. SC 14, 15, 16, 17, 18).

Ora, se é verdade que "os gestos, como a pronúncia, se transmite pela imitação"²⁰, iniciar os presidentes na pluriforme linguagem simbólica da liturgia, eis o grande desafio da Igreja nos nossos tempos.

¹⁶ Segundo os estudiosos, grande parte da comunicação passa através da forma não verbal. A propósito veja a já citada obra de G. BONACCORSO, "Il linguaggio non verbale..."

¹⁷ *Eucharisticum Mysterium*: Instrução da Sacra Congregação dos Ritos, de 25 de maio de 1967 (sobre o culto do mistério eucarístico): AAS 59 (1967) 539-573.

¹⁸ *Inaestimabile donum*: Instrução da Sacra Congregação dos Sacramentos e o Culto Divino, de 3 de abril de 1980 (sobre algumas normas relativas ao culto divino): AAS 72 (1980) 331-343.

¹⁹ *Paschalis sollemnitatis*: Carta da Congregação do Culto Divino às Conferências Episcopais e Comissões litúrgicas nacionais, 18 de janeiro de 1988 (sobre a preparação e celebração das festas pascoais): *Notitiae* 24 (1988) 81-107; = Documentos Pontifícios 224. Petrópolis: Vozes 1989, pp. 25-62.

²⁰ Cf. LUBIENSKA DE LENVAL H., *La liturgie du geste* 56.

5. A educação gestual da comunidade dos fiéis

A educação para os gestos e símbolos não verbais deve invadir também a comunidade dos fiéis, seja em sua expressão corporal, seja na visual e auditiva [cf. IGMR nn. 42-62.73.95.140; *Ordo Lectionum Missae*²¹ n. 6]. É exatamente com vistas a uma tal formação do povo de Deus, que se exige toda uma preparação do clero, pois estes, bem formados na linguagem simbólica, não só presidirão dignamente os atos litúrgicos, mas serão também, na comunidade, agentes multiplicadores de cultura e de vida litúrgica (cf. SC 14). É desta maneira que poderemos chegar àquele respeito pela verdade dos sinais, sobre o que tanto insiste a carta *Paschalis sollemnitatis* nn. 48-52, mas, sobretudo os nn. 69.82.93 e 99 deste mesmo documento, a IGMR n. 60 e o OLM n. 35.

Toda esta parte simbólica deve ser largamente desenvolvida nas missas com crianças, precisamente para ir conduzindo-as àquele gosto pelas coisas litúrgicas que só uma correta educação pode proporcionar. O *Diretório para missas com crianças*²² oferece uma série de indicações que merecem ser valorizadas na prática das eucaristias com crianças. Sobre isso, consultem-se especialmente os nn. 22-23.33-36 deste documento, que oferecem boas sugestões tanto para os gestos a serem utilizados, como para o uso do não menos importante elemento visual na celebração²³.

Além dos gestos previstos nos livros oficiais, muitos outros originados nos costumes dos povos podem e devem ser criados ou adaptados pelas várias

²¹ *Ordo Lectionum Missae [Praenotanda] (Eleno das Leituras da Missa. Introdução)* segunda edição de 1981. Cf. *Notitiae* 17 (1981) 358-462 e *Introdução dos Lecionários Dominical, Semanal e Santoral*; a seguir citado pelas iniciais OLM.

²² *Diretório para Missas com crianças (Directorium de Missis cum pueris ["Pueros baptizatos"])*: da Sacra Congregação do Culto Divino, de 1 de novembro de 1974 (Publicado no Brasil no n. 11 dos Documentos da CNBB, 2ª parte): AAS 66 (1974) 30-46.

²³ Eis ainda uma série de referências em documentos pós-conciliares sobre os gestos e posições do corpo a serem adotados durante a celebração eucarística: IGMR: 42-45.47.49-51.54-56.58-61.72-90.93.95.120-170.177-193.196-198.222.227.233.273-280.346-347; OLM: 6.17.35; *Cerimonial dos Bispos, cerimonial da Igreja*: 120.122-123.126-128.130-186; *Instrução Litúrgicae Instaurationes*: 1; *Diretório para missas com crianças*: 22-23.33-34; Carta apostólica *Vicesimus quintus annus*: 10; *Instrução Missarum sacram*: 15; *Constitutione apostolica «Missale Romanum»*: 8; Carta *Dominicalis cenae*: 11; Carta *Paschalis sollemnitatis*: 48-52.69.82-89.93.99; etc.

Igrejas locais, sempre em vista de conduzir os fiéis à profunda participação litúrgica. Um exemplo é o uso do corpo através da dança, elemento importantíssimo em muitas regiões e entre muitos povos, mesmo ocidentais, mas que não entra nos atos do culto litúrgico. E por quê? O corpo continua ainda a ser considerado apenas um "veículo" de pecado? Mas a originalidade da Bíblia se encontra precisamente no fato de que, longe de condenar o corpo ou negar a matéria, ela celebra o inteiro universo como a maior obra do Criador²⁴.

A propósito da formação gestual da comunidade, insiste muito a *Sacrosanctum Concilium*. "É necessário que os fiéis se acerquem da Sagrada Liturgia com disposição de reta intenção, sintonizem a sua alma com as palavras que pronunciam" (SC 11). "Deseja ardentemente a Mãe Igreja que todos os fiéis sejam levados àquela plena, cônica e ativa participação das celebrações litúrgicas, que a própria natureza da Liturgia exige" (SC 14). "Com empenho e paciência procurem os pastores de alma dar a instrução litúrgica e também promovam a ativa participação interna e externa dos fiéis" (SC 19). "Para promover uma participação ativa, trate-se de incentivar as aclamações do povo, as respostas, a salmodia, as antífonas e cânticos e o porte do corpo. A seu tempo, seja guardado o sagrado silêncio" (SC 30).

6. Necessidade de autenticidade no gesto litúrgico

*"Sabemos pelo NT que há um ficar de pé e um ajoelhar-se para a oração, há um levantar os olhos, há um estender as mãos, há um ouvir, assentados, a Palavra de Deus, há um levantar-se o leitor para proclamar a Sagrada Escritura, há um prostrar-se para a adoração. A época pós-apostólica manteve fielmente esta reverente e espiritualmente profunda atitude na oração e em toda outra ação litúrgica. A isto não se presta certamente uma atenção excessiva. Põe-se o acento sobre a autenticidade e simplicidade das formas exteriores, que devem ser expressão de uma interior e espiritual adoração de Deus"*²⁵.

²⁴ Cf. LUBIENSKA DE LENVAL H., *La liturgie du geste* 87.

²⁵ B. NEUNHEUSER, "Gestos litúrgicos", in: *Dicionário patristico e de antiguidades litúrgicas*. Petrópolis-São Paulo: Vozes/Paulus, 2002, p. 622.

O gesto, para ser verdadeiramente litúrgico, requer sempre autenticidade, seriedade, sinceridade. Não teria nenhum valor na liturgia um gesto que fosse apenas caricatura do sentimento interior ou que se apresentasse vazio ou sem vida. Para ser gesto litúrgico é sempre necessário que ele seja verdadeiro e autêntico.

Por isso os que participam da liturgia devem estar sempre alertas a fazerem do gesto espelho da alma, para que o exterior traduza o que se passa no seu interior. Deste modo corresponderão intensamente aos ensinamentos do Mestre Jesus, que tanto e de tantos modos valorizava a autenticidade da vida humana.

7. Fundamentação teológica dos gestos litúrgicos

O fundamento teológico para a expressão corporal na liturgia, se um tal fundamento ainda for necessário evocar aqui, se encontra na própria *encarnação do Verbo Eterno de Deus, Jesus Cristo, Senhor nosso*²⁶. Ao assumir a nossa carne de pecado e ao regenerá-la através de sua morte-ressurreição redentora, o Senhor aboliu em definitivo as barreiras que separavam os homens e Deus, o humano e o divino, o profano e o sagrado, e nos tornou aptos a celebrá-lo a partir mesmo de nossa matéria pecadora e frágil.

O cosmos não se desvincula da história da salvação, já que a natureza está indissociavelmente ligada às vicissitudes do homem. No corpo de Cristo a humanidade foi plenamente assumida e consagrada. Na sua pessoa a criação pode se revelar afinal como epifania de Deus e o homem, na sua comunicação com o divino, consegue enfim servir-se também da mediação das coisas²⁷.

"Por causa da estrutura psicocorpórea do homem, também a liturgia possui uma dupla dimensão que vai do visível ao invisível, da matéria ao espírito. A matéria tem o dever de dar poder expressivo à liturgia. Daí o mundo simbólico em que se coloca a liturgia. Como na vida cotidiana, o homem se exprime simbolicamente e usa uma linguagem também feita de coisas, assim,

²⁶ Cf. T.FILTHAUT, *La formación* 123-125.

²⁷ Cf. S. ROSSO, "Elementos naturais", in: *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas/Paulistas, 1992, p. 333-334.

no culto, a Igreja tem necessidade de servir-se igualmente dos elementos naturais, a fim de que o diálogo com o transcendente adquira consistência e eficácia [...] A atividade simbólica serve para o homem formular a imagem do mundo e projetar a sua conduta"²⁸.

8. Em busca de uma maior valorização da linguagem gestual litúrgica

De modo geral seria muito útil insistir que o povo utilizasse com consciência de causa gestos corporais significativos, indicados para liturgia eucarística, como a inclinação em sinal de adoração quando são nomeadas juntas as três Pessoas Divinas, o nome de Jesus, da Virgem Maria e do Santo em cuja honra se celebra²⁹ e a conversão do corpo em direção ao local onde se anuncia o Evangelho, como expressão de orientação total da pessoa para Cristo que lhe fala no "aqui" e no "agora" da proclamação evangélica.

Em algumas culturas, porém, são necessárias adaptações litúrgicas bastante profundas, no sentido de que as expressões culturais mais importantes do povo, e que guardem relação com a liturgia cristã, sejam introduzidas nas celebrações, conforme aconselha a Constituição *Sacrosanctum Concilium* 37-40. Povos diferentes exigem gestos e expressões litúrgicas diferentes. É por isso que o tema da linguagem gestual não verbal na liturgia caminha sempre junto àquela da adaptação ou inculturação na liturgia.

Certo é que utilizamos pouco a linguagem não verbal no culto e a utilizamos mal. As reformas já nos ajudaram a entrar na celebração com a mente, mas não conseguimos ainda introduzir aí o corpo. Por isso, corremos o perigo de celebrar a ação mais importante de nossa existência, o mistério pascal de Jesus Cristo, apenas com uma parte de nós mesmos e, infelizmente, não com o nosso ser integral. Para entrar essencialmente na oração litúrgica faz-se necessário reaprender a fazer orar a totalidade corporal³⁰.

²⁸ *Ibid.*, 334.

²⁹ Cf. IGMR 275.

³⁰ Cf. LUBIENSKA DE LENVAL H., *La liturgie du geste* 73.

II. O SILÊNCIO LITÚRGICO

1. O silêncio cria e solidifica a assembléia celebrante

Embora seja verdade que o canto inicial forma a assembléia, pois congrega os fiéis antes dispersos, na intimidade de uma só voz, não é menos verdade que são exatamente os momentos iniciais de silêncio que precedem o canto quem cria aquela unanimidade tão necessária a qualquer convocação. O silêncio é a condição primária e mais fundamental de toda ação sacra da assembléia litúrgica³¹. Antecipando-se às palavras e aos gestos corporais, o silêncio provoca aquele "clima" ideal no qual a comunidade reunida, de forma nítida e profunda, toma consciência do seu papel de sujeito ativo da celebração, do significado global daquilo que se celebra e de cada um dos atos celebrativos.

A importância do silêncio liga-se diretamente tanto à disposição dos ânimos, como ao anúncio-acolhimento da Palavra e à atuação do Espírito Santo. Afinal, Deus se faz ouvir não no ruído, mas em meio ao silêncio (1Rs 19,11-13; Sl 130,2; Ap 8,1). Em relação à palavra proclamada no íntimo da assembléia cristã, o silêncio tem valor múltiplo: a) é ele quem prepara à escuta da palavra; b) no silêncio a palavra é anunciada; c) o silêncio proporciona a interiorização e transformação do coração, que induzem à ação pós-celebrativa; d) no silêncio, a ação realizada na vida é confrontada com a mensagem previamente escutada com vistas a uma maior fidelidade entre palavra e vida. Desta forma, o silêncio conduz à Palavra, e a Palavra silenciosamente acolhida, meditada e vivificada, passando pela existência e modificando-a, reconduz ao silêncio.

³¹ Diversos aspectos do silêncio litúrgico foram tratados em um íntero fascículo de: *Revista Litúrgica* 78 (1989); valerá a pena consultar este fascículo para uma idéia mais completa sobre o assunto.

2. Silêncio litúrgico: espaço de atuação do Espírito do Senhor

O silêncio litúrgico não é uma cerimônia, mas momento em que toda palavra e todo gesto é suspenso. Não é uma parada para descanso no curso da celebração, mas um entrar no coração do ato celebrado. O silêncio provoca a atuação do Espírito Santo, pois abre a pessoa humana à sua ação e inspiração. Mergulhar no silêncio é inundar-se de Espírito³².

Na ação litúrgica sobressaem dois tipos principais de silêncio e que são fundamentais ao culto da assembleia. O primeiro é o silêncio de escuta ou de apropriação, que todos são convidados a seguir quando uma leitura é proclamada ou enquanto uma ação específica é realizada. Cada qual neste momento é convidado a realizar internamente a plenitude do sentido da palavra que está sendo anunciada ou do gesto executado³³.

De outro tipo, porém, são os momentos específicos de silêncio, em que cessa toda palavra, todo movimento e todo canto para dar lugar à meditação, ao recolhimento ou à súplica. Neste segundo caso o silêncio vale por si mesmo e sua importância é também fundamental a qualquer ação litúrgica. Mas pode haver ainda um silêncio vazio e tedioso, que não contém nada e a nada conduz a não ser ao nervosismo e à impaciência. Este último tipo de silêncio não deveria ter parte no culto, exatamente porque ele nada constrói e a nada conduz a não ser à falência e destruição da própria liturgia.

A partir do Vaticano II e da crescente participação litúrgica que este Concílio provocou, em especial pela introdução da língua vernácula na liturgia e simplificação dos ritos, a Igreja tem tomado cada vez mais consciência da necessidade da introdução de bons momentos de silêncio na liturgia. E uma tal exigência liga-se diretamente ao fato de que o silêncio, longe de ser um tempo morto ou ausência de qualquer ação, é meio ativo de participação litúrgica. Tanto que a *Sacrosanctum Concilium*, num contexto em que trata do modo concreto de promover a participação ativa dos fiéis nos atos de culto celebrados, conclui ressaltando exatamente a importância do silêncio:

³² Cf. A. TRIACCA, "Espírito Santo"... 366.

³³ Cf. J.B. MOLIM, "Atitudes e gestos..." 257.

"Para promover uma participação ativa, trate-se de incentivar as aclamações do povo, as respostas, a salmodia, as antífonas e cânticos, bem como as ações e gestos e porte do corpo. A seu tempo, seja também guardado o sagrado silêncio" (SC 30).

3. O silêncio em alguns documentos do pós-concílio

Tal diretiva provocou ampla ressonância em vários documentos da reforma pós-conciliar³⁴, sendo que na IGMR tal preocupação é vivamente acentuada.

No artigo 45 da IGMR³⁵, o silêncio é visto como parte da celebração e a sua natureza depende do momento em que ele se realiza em cada ação litúrgica. Conforme este mesmo número, durante o ato penitencial e após o convite à oração, o silêncio ajuda o recolhimento³⁶; depois da leitura ou homilia ele provoca a meditação; após a comunhão, favorece o louvor e a oração no íntimo do coração. Baseando-nos neste artigo 45 da IGMR, podemos falar de vários tipos de silêncio: o **silêncio de recolhimento** [veja ainda IGMR 54.127.165; *Cerimonial dos Bispos*³⁷, nn. 136.167 (cf. n. 170)]; o **silêncio**

³⁴ Veja relação dos vários textos normativos pós-conciliares sobre o silêncio até 1975 em: A. BUGNINI, "Tibi silentium laus!", in *Notitiae* 11 (1975) 280, indicados de acordo com a numeração do *Enchiridion Documentorum Instaurationis Liturgicae* I (1963-1973), ed. REINER KACZYNSKI. Torino, Marietti, 1976. Veja ainda: D. SARTORE, "Il silenzio come «parte dell'azione liturgica»", in VV.AA., *Mysterion. Nella celebrazione del mistero di Cristo la vita della Chiesa. Miscellanea liturgica in occasione dei 70 anni dell'Abate S. Marsili* = Quaderni di rivista liturgica, Nuova serie n. 5. Torino: Marietti, 1981, 289-305; Mais recentemente, cf. deste mesmo autor: "Silêncio", in *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: ed. Paulinas/ed. Paulistas, 1992, 1135-1142.

³⁵ "Oportunamente, como parte da celebração deve-se observar o silêncio sagrado. A sua natureza depende do momento em que ocorre em cada celebração. Assim, no ato penitencial e após o convite à oração, cada fiel se recolhe; após uma leitura ou a homilia, medita brevemente o que ouviram; após a comunhão, enfim, louvam e rezam a Deus no íntimo do coração" [IGMR 45].

³⁶ Não nos parece, porém, que o silêncio do ato penitencial e o que se segue ao convite à oração sejam idênticos, provocando o mesmo efeito, como quer aqui sugerir a IGMR 23. Uma cuidadosa análise indica, porém, que eles tem um sentido e um conteúdo muito diverso. No ato penitencial, pondo-nos diante de Deus, nos dirigimos a nós mesmos, reconhecendo-nos pecadores antes de iniciarmos a celebração; no convite à oração, é a Deus dirigimos a nossa prece.

³⁷ *Cerimonial dos Bispos (Cerimonial da Igreja)*. Restaurado por decreto do Sagrado Concílio Ecumênico Vaticano II e promulgado pela autoridade do papa João Paulo II. São Paulo: Salesiana Dom Bosco/Paulina, 1988.

meditativo, que é resposta à proclamação da palavra de Deus [cf. OLM 28; Cerimonial dos Bispos 138.140; Diretório para Missas com crianças 46; Diretório para as celebrações dominicais na ausência do presbítero³⁸ n.43; Eucharisticae participationem³⁹ n.18]; e o *silêncio de adoração*, seja em preparação à comunhão [cf. IGMR 79f; Immensae caritatis⁴⁰, n. 3], seja depois da comunhão [cf. IGMR 43.88.164.271; Cerimonial dos Bispos 166; Inaestimabile donum, n.17]; seja diante dos gestos e símbolos da fé [cf. Paschalis sollemnitatis, nn. 65.68]. Além desses, podemos ainda ter um *silêncio de súplica*, tanto do sacerdote [cf. IGMR 33], como de todo o povo [cf. IGMR 71; OLM 31; Oratio universalis⁴¹, n. 12] e um *silêncio de apropriação*, que é o silêncio de escuta e interiorização durante as grandes orações presidenciais⁴² [cf. Inaestimabile donum, n. 4; Eucharisticae participationem, n. 8].

Também nas missas com crianças deve-se insistir em apropriados momentos de silêncio que favoreçam a escuta e compreensão do que se celebra, do modo como se celebra e que promovam uma verdadeira participação interior. Neste sentido encontramos no *Diretório para missas com crianças* uma reflexão digna de nota. Sem um tal silêncio que conduza à participação interna das crianças na missa, nos dirá o n. 22, a atividade externa poderá ser não só infrutífera, mas até mesmo nociva⁴³, uma vez que "...também as crianças, a seu modo, são verdadeiramente capazes de meditar" (n. 37).

³⁸ *Diretório para as celebrações dominicais na ausência do presbítero* (De celebrationibus dominicalibus absente presbytero ["Christi Ecclesia"]: Diretório da Congregação do Culto Divino, de 2 de junho de 1988 (sobre as celebrações dominicais realizadas sem o presbítero): *Notitiae* 24 (1988) 366-378.

³⁹ *Eucharisticae participationem*: Carta circular da Sacra Congregação do Culto Divino, de 1 de novembro de 1973 (sobre as orações eucarísticas do Missal Romano): AAS 65 (1973) 340-347.

⁴⁰ *Immensae caritatis*, Instrução da Sagrada Congregação para a disciplina dos Sacramentos, de 29 de janeiro de 1973 (maiores facilidades de receber a santa comunhão): AAS 65 (1973) 264-274; *Notitiae* 9 (1973) 157-164.

⁴¹ *Oratio universalis* ("De oratione communi"): *Fascículo do "Consilium"*, 17 de abril de 1966 (sobre a oração comum ou dos fiéis) in: *De Oratione communi seu fidelium. Natura, momentum ac structura. Criteria atque specimina Coetibus territorialibus Episcoporum proposita* (Typis Ployglottis Vaticanis 1966); EDIL I,646-668.

⁴² Cf. D.SARTORE, "Silêncio" 1139-1140.

⁴³ "Em tudo isso se tenha presente que as atividades externas permanecem infrutíferas, são até nocivas, se não favorecem a participação interna das crianças. Também nas missas para criança deve, pois, ter a sua importância o sagrado silêncio" [*Diretório para missas com crianças* 22].

4. Silêncio e participação litúrgica

O silêncio, pois, concretiza nossa participação na liturgia. Permanecer em silêncio nos tempos indicados pela celebração aprofunda, sem nenhuma dúvida, a inserção de cada um na ação sagrada. O silêncio sugere, o silêncio enriquece, o silêncio nos dá viva consciência do que celebramos. Mas o silêncio litúrgico nos conduz ainda mais adiante, pois nos impulsiona mergulhar de forma intensa no sentido e no espírito do rito subsequente. E deste modo o silêncio litúrgico age como um trampolim, fazendo-nos alcançar de forma excelente o alvo litúrgico, ou seja, a participação ativa, consciente e plena na ação celebrada.

Daí serem importantíssimos ao longo da celebração breves momentos de silêncio, em especial após as leituras, homilia ou recitação de algum salmo, exatamente para que de maneira mais intensa a palavra desça no mais profundo dos corações daqueles que participam do ato cultural, e se torne em cada um «espírito e vida». Naturalmente que um tempo mais prolongado de silêncio após a comunhão, do qual já falamos acima, deverá bem conduzir os fiéis a uma mais perfeita ação de graças, em que toda a celebração se torna motivo de agradecimento e de louvor ao Senhor.

A reforma litúrgica, pondo fim ao mutismo da assembléia cristã e à marginalização da Palavra, fez reflorir, e de maneira sábia, o silêncio como momento celebrativo e forma de intensa participação de todos na liturgia⁴⁴. O silêncio litúrgico, sem dúvidas, é fruto de uma mais profunda familiaridade com a palavra bíblica e sinal de maior maturidade litúrgica. Ao compreender a importância do silêncio como um vivificante momento de graça no qual "cala a criatura, mas fala o Espírito"⁴⁵, "a igreja segue o exemplo da Virgem Maria, primeira discípula do Senhor, que «conservava as coisas que dele diziam, meditando-as no seu coração» (Lc 2,19)⁴⁶.

⁴⁴ Cf. D.SARTORE, "Silêncio" 1140.

⁴⁵ (ab), "Tibi silentium laus!" 282.

⁴⁶ D.SARTORE, "Silêncio" 1141.

CONCLUSÃO

Na celebração litúrgica em geral e, em especial, na celebração do sacrifício eucarístico da ceia do Senhor, os símbolos, gestos e posturas corporais se constituem em elementos de grande valor. Pela mediação deles entramos em comunicação com a Trindade e a graça divina nos é dada.

Igualmente importante é o silêncio na liturgia, o qual nos permite não só compreendermos mais convenientemente o que celebramos, como nos põe em comunicação direta com o Espírito Santo, protagonista de toda celebração. Este, por sua vez, presente quer no momento celebrativo da comunidade cristã, quer no coração de cada celebrante, age para manifestar a Palavra eterna e definitiva pronunciada pelo Pai uma vez por todas, Jesus Cristo, seu Filho e Senhor nosso.

Nenhuma liturgia é possível sem o Espírito do Pai e do Filho. Assim também, sem gestos, sem ações simbólicas e sem o silêncio, canais através dos quais o Espírito flui na ação cultual, não podemos atualizar os momentos da história da salvação. A linguagem litúrgica na celebração ritual dos fiéis torna-se, portanto, veículo de redenção e de comunicação trinitária.

Mas, por que mesmo durante um ato de tal modo superior e sublime como a liturgia, que nos liga diretamente com o divino, precisamos contar com elementos tão materiais e humanos como gestos e ações simbólicas? Por que eles são assim de tamanha importância na linha da graça?

Com a encarnação do Filho de Deus, Jesus Cristo e, mais ainda, com sua ressurreição e ascensão, o humano é assumido pelo divino e todo o criado, por sua indissociável ligação com o destino do homem, também é elevado até os céus. O gesto não é só aparato externo e o silêncio não é simples pausa na celebração, mas se revestem de valor salvífico. Aí, o visível revela o invisível, o material põe-se a serviço do sobrenatural e as coisas terrenas nos remetem ao absoluto.

A própria *Sacrosanctum Concilium*, discorrendo sobre a ação celebrativa da assembleia, já afirmara que:

"A liturgia, mediante a qual... se atua a obra da nossa redenção... tem a característica de ser ao mesmo tempo humana e divina, visível, mas dotada de realidades invisíveis, operosa na ação e devotada à contemplação, presente no mundo e, contudo peregrina; de tal modo que nela o

humano é orientado e subordinado ao divino, o visível ao invisível, a ação à contemplação, a realidade presente à futura cidade para a qual estamos encaminhados" (SC 2).

Tem total razão esta mesma Constituição litúrgica ao inserir na própria definição de liturgia a questão dos gestos e da corporeidade humana (cf. SC 5-7), como observávamos na introdução deste trabalho.

É urgente, pois, a necessidade de uma mais ampla consciência da nossa Igreja sobre toda esta questão simbólica, tão essencial à sua liturgia e tão central à reforma litúrgica que, nestes últimos anos, nos propomos realizar.

Pe. José Raimundo de Melo é Doutor em Liturgia. Leciona na Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.